

Exposição

PARQUE  
MAYER

Teatro Variedades



# UM LUGAR CHAMADO VARIEDADES

Datas

08 julho 2026 – 15 agosto 2027

De segunda a sábado, 12h às 23h

Domingo, 12h às 21h

←

A Sala do Variedades durante a matiné da iniciativa de Beatriz Costa. Autor desconhecido. 1938-07-03. PT/TT/EPJS/SF/001-001/0058/2491M. Imagem cedida pelo Arquivo Nacional Torre do Tombo.

Entidades emprestadoras

Ana Paula Rafael

Arquivo Municipal de Lisboa

Arquivo Nacional Torre do Tombo

Carlos Caria

Centro de Documentação

Carmen Dolores – Casa do Artista

Fundação Calouste Gulbenkian

Hemeroteca Municipal de Lisboa

Museu da Marioneta

Museu Nacional do Teatro e da Dança

Rita Ribeiro

Rui Almeida

Vasco Morgado Júnior

Agradecimentos

Alexandra Nunes

Ana Rafael

Catarina Duarte

Dulce Ribeiro

Fátima Ribeiro

Isabel Corda

Mário Gouveia

Miguel Gil

Museu da Música Mecânica

Gabinete de Estudos

Olisiponenses

# UM LUGAR CHAMADO VARIEDADES

Celebrar os 100 anos do Teatro Variedades é, acima de tudo, um exercício de memória. Mais do que reconstituir uma cronologia de acontecimentos, importa reconhecer a marca profunda que este lugar deixou na vida artística, cultural e social de Lisboa ao longo de um século. Pelos seus palcos passaram artistas, públicos, movimentos, sonhos e inquietações. Ficaram ecos de vozes, aplausos, gestos e emoções que ainda hoje habitam o imaginário coletivo.

Esta exposição convida quem a visita a percorrer esse território de memórias, reunindo objetos, testemunhos e registos que revelam as muitas vidas do Teatro Variedades. Entre fragmentos do passado e marcas do presente, emergem histórias de criação, encontro e transformação, compondo o retrato de um lugar que nunca deixou de se reinventar.

Perante este património, colocámos uma questão simples: como envolver novas gerações na memória de um lugar? Talvez a resposta não esteja apenas em contar a sua história, mas em criar ligações a partir dela. Em fazer da memória uma experiência partilhada, capaz de despertar curiosidade, diálogo e pertença.

Ao assinalar um século de existência, esta exposição procura trazer a história do Teatro Variedades para o século XXI. Honrar o passado não significa permanecer nele. Significa escutá-lo, compreendê-lo e transportá-lo connosco, para que possa ser continuamente reinterpretado, vivido e reinventado por novos públicos. Porque a memória, quando permanece viva, deixa de ser apenas arquivo. Transforma-se em horizonte, em possibilidade. Em futuro.

— Filipe Silva e Joaquim René  
Direção do Teatro Variedades e Capitólio

- Coprodução

Teatro Variedades e Museu de Lisboa
- Curadoria

José Daniel Ferreira e Mário Nascimento (Museu de Lisboa), Joaquim René (Teatro Variedades)
- Projeto científico

José Daniel Ferreira e Mário Nascimento (Museu de Lisboa), Paula Gomes Magalhães
- Projeto expográfico

Pedro Silva
- Design gráfico

V-A Studio
- Música (recriação de temas)

Cláudia Pascoal
- Construção e Montagem de Exposição

Manuel Lobão Lda. com Ivan Noroseanu, Mário Almeida e José Leitão
- Produção e Instalação Gráfica

Euro Cartazes



No dia oito de julho de 2026, o Teatro Variedades faz 100 anos. Um século de uma casa teatral que nunca teve por vocação contar e documentar o seu passado, mas fazer reviver narrativas que contavam e ecoavam as histórias dos outros. O seu palco foi e continuará a ser uma fábrica de sonhos, modelos que nos inspiram ou até situações que repudiaremos, de vários tempos e geografias variadas. Tudo isso num só lugar.

Deste modo, a exposição *Um lugar Chamado Variedades* pretende ser um pretexto para dar a conhecer momentos desse percurso multifacetado, a partir do convite que os objetos e imagens selecionadas nos colocam. Salvo raras exceções, essas peças não são da coleção do Teatro Variedades, mas de instituições e colecionadores que as disponibilizaram para este acontecimento. O Museu Nacional do Teatro e da Dança, o Centro de Documentação Carmen Dolores – Apoiarte Casa do Artista, o Arquivo Municipal e a Hemeroteca Municipal de Lisboa, o Museu do Regimento de Sapadores Bombeiros de Lisboa, o Arquivo Nacional Torre do Tombo, a Fundação Calouste Gulbenkian e o Museu da Marioneta contribuíram para a realização desta exposição, a par das coleções reunidas por Rita Ribeiro, Ana Pinto, Vasco Morgado e Carlos Caria.

Inevitavelmente, todos estes acervos contribuem com perspetivas diferentes sobre o lugar que o Teatro Variedades tem ocupado na sociedade lisboeta. O local físico da sua implantação no mítico Parque Mayer foi abordado em três pontos cronológicos específicos. A construção e inauguração do teatro em 1926, o incêndio de 1966 e os projetos que antecederam a obra de requalificação, inaugurada em 2024, documentam simultaneamente a materialidade do edifício e as reações dos lisboetas (e não só) aos desígnios do Teatro Variedades e do Parque Mayer.

A complementaridade dos olhares das pessoas sobre o Teatro Variedades foi o fio invisível e condutor que orienta o material exposto e enquadrado na detalhada investigação para o livro *100 Anos de Variedades* de Paula Gomes Magalhães. O recorte temático da exposição traduzir-se-ia na frase “um teatro como normalmente não se vê” e desenvolve-se na perspetiva da gente de fora do teatro, dos profissionais invisíveis do espetáculo ou da observação de fotógrafos que registaram as peças e os ensaios. Contempla também a gravação de filmagens amadoras para fins mais ou menos pessoais ou a representatividade televisiva que o Teatro Variedades ocupou em qualquer casa, em qualquer outro lugar.

Visões contrastantes e ligeiramente provocadoras como a relação de proximidade dos painéis temáticos que abordam a condição feminina das *girls* e de peças que remetem para uma reflexão sobre o papel da mulher, mesmo que através do riso e das comédias representadas. Ou a euforia das vanguardas e do modernismo dos anos 1920/30 e as tentativas de definir uma identidade do Teatro Variedades, no contexto de uma gestão empresarial de vários teatros diferentes.

Mostram-se trajes e acessórios originais e documentos relativos ao papel determinante da Censura. Relembra-se memórias sonoras de êxitos que nasceram em peças do Teatro Variedades.

Sendo uma exposição num teatro, com públicos e tempos específicos, constituiu-se como uma experiência partilhada pelas equipas do Teatro Variedades e Capitólio e do Museu de Lisboa.

— José Daniel Ferreira e Mário Nascimento  
(Museu de Lisboa)

José Daniel Soares Ferreira

Integra o Serviço de Investigação e Inventário do Museu de Lisboa. É licenciado em História e pós-graduado em Ciências da Educação e Ciências da Informação e Documentação, vertente de Arquivo. Participou na exposição e respetivo catálogo de *Crónicas de uma Lisboa Desconhecida*, no Pavilhão Preto do Palácio Pimenta. Foi bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) no projeto *Corporativismo, instituições políticas e desempenho económico: estudos em história europeia contemporânea*, coordenado por José Luís Cardoso. Através da Bolsa Fernão Mendes Pinto do Instituto Camões participou na equipa que produziu, na Biblioteca Nacional de Portugal, a exposição *Da Feliz Lusitânia à Félix Belém: 400 anos da Fundação de Belém do Pará* e na elaboração da revista *Camões*, nº 25 sobre a mesma temática, coordenados por Maria Adelina Amorim. Integrou ainda a equipa multidisciplinar responsável pela instalação do Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota, coordenado por António Patrício Gouveia. Para a EDP - Eletricidade de Portugal participou como investigador no projeto sobre a *Iluminação Pública e Privada de Portugal nos sécs. XIX e XX* e na publicação, em 2004, do livro *A Eletricidade em Portugal: dos primórdios à 2ª Guerra Mundial*, coordenada por Ana Cardoso Matos.

Mário Nascimento

Integra o Serviço de Investigação e Inventário do Museu de Lisboa. Graduado em Artes e Humanidades e pós-graduado em História de Arte pela Faculdade de Letras de Lisboa, foi cocomissário das exposições *Uma História de Duas Cidades, Lisboa e Edimburgo* (2016), *Júlio de Castilho e o Acaso da Olisipografia* (2019), *Hortas de Lisboa, da Idade Média ao século XXI* (2020), *Os Loucos Anos 20 em Lisboa* (2022) e *Cidade-Miniatura. A maquete de Lisboa pelo bombeiro Luís Caetano Pereira de Carvalho* (2023). Paralelamente à publicação de textos no âmbito da história da cidade e de publicações do Museu de Lisboa, apresentou comunicações em colóquios organizados pelo Gabinete de Estudos Olisiponenses e no I Congresso de Historiografia das Cidades, na Fundação Calouste Gulbenkian. É membro do ICOM – International Council of Museums (nos comités CAMOC e DEMHIST), e da EAUH – European Association of Urban History.

amestradas. Foi neste ambiente que o Teatro Variedades promoveu uma nova geração de modernos artistas nacionais e internacionais. Em 1928, Léa Niako causou sensação ao dançar bailados orientais quase nua, no moderno palco aquecido.

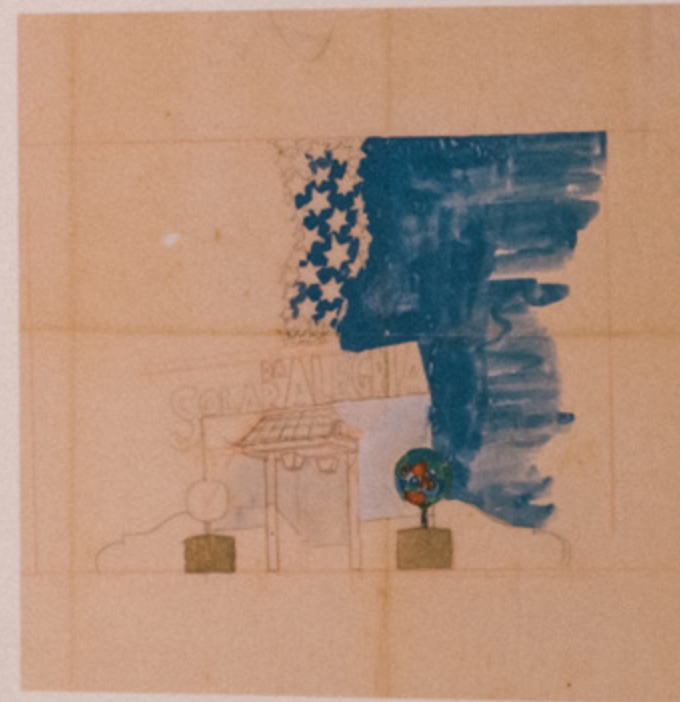


António Soares (1894 – 1978) foi pintor e ilustrador. Autodidata, integrou a primeira geração modernista e destacou-se no panorama artístico lisboeta. Colaborou em espetáculos do Teatro Variedades como *Carapinhada* (1928), *Coração Português* (1928), *Mãe Eva* (1928) e *Chá de Parreira* (1929).

António Soares  
Autor desconhecido, s.d. Sítio Web  
Memorial Cinema Português.



Museu Nacional do Teatro e da Dança.  
Cartaz da revista *Chá de Parreira*.  
Autor desconhecido, 1929.  
MMP/ADF, MNTD 135050.



Museu Nacional do Teatro e da Dança,  
estudo para telão de "Arraial Português"  
da revista *Chá de Parreira*,  
Companhia Hortense Luz no Teatro  
Variedades, António Soares, 1934,  
MMP/ADF, MNTD 261119.

# DEIXAR ENTREABERTA A MEMÓRIA DE UM TEATRO

A tarefa da criação de um projeto museográfico é um trabalho de equipa por excelência, para o qual são convocados profissionais com competências distintas e que, em estreita colaboração, gizam um organismo físico dotado de um conjunto de elementos comunicantes, devidamente contextualizados, aos visitantes. Foi num diálogo constante com curadores e historiadores que esta exposição foi desenhada, por serem eles os que detêm um conjunto de informações primordial para a devida sistematização dos conteúdos documentais, fotográficos (físicos e/ou digitais) que foram “descobertos” e compilados de uma forma organizada através de uma pesquisa aturada de longa duração.

Como profissional que normalmente desenha espaços onde a ficção dramática é o motor para a construção de uma narrativa cenográfica para um palco, encarei este projeto com um carácter verdadeiramente arqueológico, tendo como preocupação principal para a definição do espaço físico a procura de uma forma de tornar visível esse conteúdo documental “descoberto” materializando o conceito da exposição e, simultaneamente, transformá-lo numa experiência expositiva física e sensorial a um público (mais ou menos) conhecedor da história do Teatro Variedades.

Para a definição física desta exposição e para a devida organização espacial foi criado um corpo principal localizado no piso térreo do Teatro, na área oposta à da cafetaria e contígua à entrada de público da respetiva sala de espetáculos. O dispositivo expositivo foi concebido de forma a “mascarar” os janelões de vidro exteriores aí existentes e que, dialogando com a sua métrica, se desdobra em ziguezague criando uma espécie de *Leporello* (termo que aprendi durante este processo), desde uma das portas de entrada pública até desaguar na reminiscência do vão de escadas aí existente, onde nos deparamos com uma representação minimalista de um camarim de teatro.

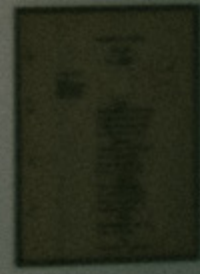
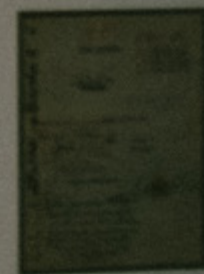
Com uma cor uniforme, o dispositivo da exposição invade esta área, em diálogo com a arquitetura do Teatro, pintando também paredes, e com elementos pré-existent (poltronas, alcatifa e estanteria), a partir dos quais foi tomada como referência a cor para todo o dispositivo da exposição e que são também eles elementos constituintes desse corpo expositivo. O desenho do conjunto de expositores (com vitrines) primou pela preocupação do fluxo de pessoas nesta área reservada e contida, como que se enrolando em si própria, garantindo a acessibilidade a toda a informação apresentada e devida ergonomia nas áreas de circulação e de permanência. Os visitantes encontrarão organizados os elementos selecionados daquela pesquisa aturada, sejam eles físicos, réplicas ou originais, documentais e visuais, através de recursos fotográficos e/ou audiovisuais.

Nesta dicotomia entre circular e estar, foi criada uma área retangular no centro da exposição onde essa simultaneidade acontece, sendo permitido aos visitantes sentarem-se nas poltronas do Teatro que se encontram dispostas em diálogo umas com as outras e abraçadas por duas paredes de grandes dimensões que formam o perímetro desta área central. Numa destas duas paredes encontra-se exposto, na face exterior, um conjunto de objetos iconográficos e em ambas conteúdos fotográficos do Teatro. Na parte central desta área existe um corpo vertical também retangular em forma de pórtico que a divide em duas, onde se encontra, de um lado, uma televisão com conteúdo audiovisual devidamente editado e do outro, conteúdo gráfico e documental.

# Nos tempos da censura

Na sequência do golpe militar de 25 de maio de 1926 instalou-se a censura prévia, que perdurou até à 1.ª de 25 de Abril de 1974. Apesar dos primeiros sinais de repressão, Cláudio Pereira (1929) conseguiu introduzir referências críticas que escaparam ao crivo do regime. Com o endurecimento da censura, os jogos de palavras, os duplos sentidos e a ambiguidade textual, partilha e compreendidos pelo público, constituíram-se um estrutural do teatro português, particularmente do teatro de revista.

«Não tirava estes grandes olhos do tal senhor, estava ali para controlar os meus movimentos em quando ele era vencido pelo sono e eu, de perfil de vista, arrebata o Vasco Fontenil.»



## Os sortilégios dos artistas na cenografia



Nesta área encontram-se ainda auriculares dispostos pontualmente junto às poltronas em que aos visitantes é permitido ouvir conteúdos sonoros especificamente produzidos para a exposição.

A par deste corpo central no piso térreo do Teatro, a exposição estende-se pelas áreas contíguas: por um lado, na direção da cafetaria, onde existe um conjunto de informação disseminada nas diversas mesas e estantes aí existentes e em algumas paredes; por outro lado, em direção à entrada principal do Teatro, nomeadamente a transição da área principal da exposição até encontrar a escada que acede ao primeiro piso onde existe o corredor de acesso ao balcão da sala de espetáculo. Neste trajeto, encontra-se uma outra zona de estar efémera, com poltronas do Teatro que formam um canto reservado e que dialoga com duas figuras à escala humana trabalhadas em madeira que pertencem à iconografia do Teatro e que foram resgatadas de um armazém. Estas figuras convidam, uma ainda no piso térreo e a outra no patamar das escadas, os visitantes a subirem ao piso superior onde, nas paredes dessas escadas e do corredor, se encontra um conjunto de documentos originais devidamente organizados, nomeadamente programas de um imenso universo de eventos passados naquela sala de espetáculos, e inserido num longo friso monocromático ilusoriamente suspenso nas paredes do Teatro. Aos visitantes será assim permitida uma circularidade do percurso que efetuam à exposição patente sem prejuízo da(s) narrativa(s) que possam criar da leitura que fizeram com o seu corpo no espaço não corresponder à narrativa (que não pretende ser cronológica) das múltiplas vivências que habitaram este Teatro.

— Pedro Silva

Pedro Alexandre Medeiros Da Silva

Mestre em Teatro – Especialização em Design de Cena, pela Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa (2015). Frequentou a Licenciatura de Arquitetura de Interiores na Faculdade de Arquitetura de Lisboa da Universidade Técnica de Lisboa, entre 1993 e 1998. O seu percurso profissional como Cenógrafo iniciou-se no G.I.T.T. – Grupo de Iniciação Teatral da Trafaria, em 1995, onde, ao longo de mais de duas décadas, concebeu diversos projetos de Cenografia para as suas produções teatrais. Foi colaborador no atelier do Arquiteto e Cenógrafo José Manuel Castanheira, durante 15 anos, na assistência a projetos de Cenografia para teatro, cinema e exposições e em projetos de Arquitetura civil e teatral. Entre 2006 e 2010, exerceu funções como seu assessor técnico de projeto nas áreas da Cenografia e Arquitetura de Interiores no Teatro Nacional D. Maria II. Tem tido uma colaboração regular desde 2010, com a Associação Cultural teatromosca, entidade atualmente responsável pela gestão e programação cultural do Auditório Municipal António Silva (Cacém, Sintra), nomeadamente a autoria das cenografias das produções teatrais próprias sob a direção artística de Pedro Alves. O seu percurso como Cenógrafo também tem compreendido colaborações regulares com diversas Companhias de Teatro nacionais sob a direção dos jovens encenadores, nomeadamente: Mário Trigo, Mariana Fonseca, Pedro Gil, Maria Gil, André Amália, Cláudia Negrão, Carlos Afonso Pereira e Ricardo Gageiro. Foi distinguido com uma Menção Honrosa atribuída na 7ª edição do FATAL - Festival Anual de Teatro Académico de Lisboa, em 2007, pelo trabalho cenográfico e plasticidade do espetáculo CRÓNICO, com encenação de Ricardo Gageiro, apresentado no Pavilhão 28 do Hospital Júlio de Matos, uma criação da 2ª a Circular / Tearte da Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa. Foi distinguido com o Prémio Autores 2021 atribuído pela Sociedade Portuguesa de Autores, na categoria de Artes Visuais, com o Melhor Trabalho Cenográfico, pela produção teatral NED KELLY, com encenação de Pedro Alves, uma produção da Associação Cultural teatromosca.



# VARIEDADES DA CLÁUDIA PASCOAL

Nestas recriações, Cláudia Pascoal dá voz a um repertório emblemático do Teatro Variedades, trazendo-o para o presente com uma abordagem livre e profundamente pessoal. Sem se prender à nostalgia, reinventa estas canções com autenticidade, sensibilidade e criatividade, deixando nelas a marca da sua identidade artística. Não se limitando a reproduzir, a sua interpretação transforma cada tema numa ponte entre épocas, valorizando a música portuguesa e promovendo um diálogo vivo entre memória e contemporaneidade.

Cláudia Pascoal (n. 1993, Arco de Baúlhe) é uma artista portuguesa que cruza a música pop contemporânea com influências da tradição popular, criando um universo artístico singular e difícil de categorizar. Formada em artes visuais e produção audiovisual, desenvolve uma abordagem autoral em que controla tanto a música como a estética dos seus projetos. Desde cedo ligada à criação artística, passou por bandas e projetos musicais até afirmar a música como a sua principal forma de expressão. Ganhou notoriedade ao interpretar a canção vencedora do Festival da Canção 2018 e, mais tarde, afirmou-se como cantautora e um percurso marcado pela liberdade criativa. O seu trabalho destaca-se pela fusão entre identidade pessoal, raízes culturais e uma forte componente contemporânea.

| O Cochicho                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | Marlène                                                                                                                                                                                                                                                                     | Arre, Burro!                                                                                                                                                                                                                   | Lisboa à Noite                                                                                                                                                                                                                                                  | Cheira a Lisboa                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | Grande Noite                                                                                                                                                                                                                                     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Letra de Lino Ferreira, Lourenço Rodrigues e Fernando Santos<br>Música de Raul Ferrão                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | Letra de Xavier de Magalhães e Almeida Amaral<br>Música de Affonso Corrêa Leite                                                                                                                                                                                             | Letra de Alberto Barbosa,<br>José Galhardo, Vasco Santana e Amadeu do Vale<br>Música de Raúl Ferrão,<br>Raúl Portela e Fernando Carvalho                                                                                       | Letra de Fernando Santos<br>Música de Carlos Dias                                                                                                                                                                                                               | Letra de César de Oliveira<br>Música de Carlos Dias                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | Letra de Filipe La Féria<br>Música de Pedro Osório                                                                                                                                                                                               |
| Revista <i>Pim! Pam! Pum!</i> - março de 1932.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | Revista <i>Pernas ao Léu</i> - setembro de 1933.                                                                                                                                                                                                                            | Revista <i>Arre, Burro!</i> – setembro de 1936.                                                                                                                                                                                | Revista <i>Não faças Ondas</i> – setembro de 1956.                                                                                                                                                                                                              | Revista <i>Peço a Palavra</i> - dezembro de 1969.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Programa de televisão - 1992.                                                                                                                                                                                                                    |
| A revista estreou no Teatro Maria Vitória, mas foi na remontagem no Teatro Variedades que ampliou o sucesso da canção “O Cochicho” que, anos antes, tinha passado despercebido, na revista <i>Malmesbury</i> . Com a saída de Maria das Neves desta versão apresentada no Teatro Variedades, foi Beatriz Costa quem passou a assegurar o número. Também na voz de Amália se tornou um grande êxito popular. | Irene Isidro – atriz ousada que fumava e conduzia nas ruas de Lisboa – interpretou este tema, homenagem à diva alemã Marlene Dietrich, imitando o seu estilo andrógino. Foi considerado um momento de empoderamento feminino e um "furacão" de modernidade no Parque Mayer. | A canção é interpretada por Beatriz Costa. Do elenco da revista faziam também parte nomes como Vasco Santana, António Silva e Hermínia Silva. A revista marcou a história do teatro em Portugal, ao colocar em palco um burro. | Revista que contava no elenco com Milú, João Villaret, Costinha, Leónia Mendes, Luísa Durão e Raul Solnado. Milú interpretava esta canção que tinha que bisar em todas as sessões.<br><br>Recriação Cláudia Pascoal<br>Produção Cláudia Pascoal e António Serra | Anita Guerreiro, na estreia de <i>Peço a Palavra</i> , cantou seis vezes ‘Cheira a Lisboa’. Do elenco da peça constavam artistas como Aida Baptista, António Calvário, Vitor Espadinha, Max e, claro, Anita Guerreiro, que recebeu por esta interpretação o Prémio Estevão Amarante para melhor Artista de Revista, em 1970.<br><br>Recriação Cláudia Pascoal<br>Produção Cláudia Pascoal e António Serra | Programa de televisão transmitido pela RTP1. Conduzido por Filipe La Féria e filmado no Teatro Variedades, os episódios prestaram homenagem à revista à portuguesa.<br><br>Recriação Cláudia Pascoal<br>Produção Cláudia Pascoal e António Serra |
| Recriação Cláudia Pascoal<br>Produção Cláudia Pascoal e António Serra                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                  |

# TEATRO VARIEDADES 1926-2026

Cronologia de Paula Gomes Magalhães

1924

Início da construção do Teatro Variedades, no Parque Mayer, sob projeto do arquiteto José Urbano de Castro.

1926

O Variedades é inaugurado a 8 de julho, com a revista *Pó de Arroz*, da autoria de Gregos e Troianos. O *Diário de Lisboa* descrevia o novo teatro como encantador, sem pretensões de estilo, mas capaz de satisfazer «todas as exigências de um teatro moderno». O elenco integrava a vedeta Anita Salambó, o jovem ator Vasco Santana e o popular Costinha (Augusto Costa), que desempenhava o papel de *compère*.

A Companhia Maria Matos/Mendonça de Carvalho passa a explorar o Variedades, com um repertório de farsas e comédias. Estreia-se a 26 de novembro com *Era Uma Vez Uma Menina*, na qual brilhava a jovem Maria Helena, filha da dupla que liderava a companhia.

1927

A bailarina Lea Niako apresenta-se pela primeira vez em Portugal, entre os dias 2 e 24 de junho, após as récitas da comédia musicada *O Topa a Tudo*, com as suas danças exóticas de nu artístico.

Após obras de adaptação, o teatro reabre a 30 de novembro, reconvertido em Salão Cinematográfico. A experiência revelar-se-ia, contudo, efémera, pois o Variedades regressa à produção teatral em janeiro de 1928.

1928

A mexicana Eva Stachino apresenta as revistas-fantasia *Plumas e Perfumes* (25 de fevereiro) e *Sedas e Flores* (5 de março). Regressa em julho com uma companhia renovada e estreia *Carapinhada* (24 de julho), *Coração Português* (19 de setembro) e *Mãe Eva*

1929

(16 de novembro), espetáculos marcados pela exuberância de cenários e figurinos, pela influência da revista parisiense e pela colaboração de artistas modernistas.

A Companhia de Hortense Luz estreia a revista *Chá de Parreira*, de Xavier de Magalhães (31 de julho), consolidando em definitivo, o triunfo da estética modernista. A revista contava com as colaborações de José Barbosa e António Soares, na cenografia, e Francis Graça, nas coreografias.

1931

Beatriz Costa afirma-se como a principal estrela do Variedades, nos elencos das revistas *O Tareco* (11 de março), *Verde Gaio* (29 de abril), *O Canto da Cigarra* (25 de julho) e *O Mexilhão* (6 de novembro). Nesta última destacam-se também a atriz Corina Freire e o bailarino Francis, cujo dueto «Teodoro não vás ao sonoro» alcança grande popularidade.

1932

A revista *Pim! Pam! Pum!* transfere-se do Maria Vitória para o Variedades a 4 de março. O espetáculo populariza o número musical «O Cochicho», celebrado na interpretação de Beatriz Costa. A empresa de Alberto Barbosa estreia a farsa musicada *Desculpa, ó Caetano!* (10 de setembro), com Vasco Santana e António Silva como principais estrelas cómicas.

1933

A companhia de Luísa Satanela estreia *Pernas ao Léu* (1 de setembro), considerada uma das revistas mais inovadoras da década de 1930. Com cenários modernistas, novos efeitos de iluminação e uma encenação amplamente elogiada pela crítica, o espetáculo destacou-se

1936

Estreia da comédia *O João Ninguém* (22 de março), uma adaptação de Alberto Barbosa e José Galhardo de um original espanhol de Carlos Arniches, protagonizada por Mirita Casimiro. O espetáculo consagra em definitivo a jovem atriz que se tinha notabilizado no ano anterior no Maria Vitória. A revista *Arre Burro!*, da autoria de Alberto Barbosa, José Galhardo, Vasco Santana e Amadeu do Vale, estreia a 10 de setembro, mantendo-se em cena até 18 de janeiro de 1937. Num dos números, Beatriz Costa, a principal estrela do espetáculo, contracenava com um burro de verdade. Esta revista foi sujeita a vários cortes pela censura.

1937

A empresa António de Macedo apresenta uma companhia de comédias, com Palmira Bastos à frente de um elenco onde figuram nomes como Irene Isidro, Maria Lalande, Raul de Carvalho ou Alberto Ghira. A temporada começou com a estreia de *Riquezas da sua Avó* (17 de julho). A 18 de dezembro estreia a revista *Olaré, Quem Brinca!*, da autoria de Alberto Barbosa, José Galhardo, Vasco Santana e Amadeu do Vale, com Mirita Casimiro e a dupla Vasco Santana e António Silva.

1938

O Variedades encerra a 11 de julho para obras de remodelação, que ampliam a lotação, modernizam a sala de espetáculos e transformam a fachada principal. O teatro reabre no final do ano ampliado, pintado e redecorado.

1939

A comédia *O Padre Piedade*, marca a estreia de Francisco Ribeiro (Ribeirinho) como encenador no teatro comercial e obtém uma receção favorável da crítica e do público. As produções seguintes – *O Pai Paulino* (20 de janeiro de 1940) e *O Cabo Elísio* (24 de fevereiro de 1940) – não merecem o mesmo acolhimento da crítica, que vê nelas um exemplo das dificuldades das empresas teatrais em conciliar ambição artística e sucesso comercial.

1941

Estreia da opereta *Lisboa 1900* (22 de maio). Inspirada na Lisboa de finais do século XIX, a produção distingue-se pela recriação de ambientes, trajes e canções da época, recebendo amplo elogio da crítica. Entre os intérpretes, sobressai a jovem Laura Alves. Estreia da revista *Espera de Toiros* (1 de novembro), com Vasco Santana e Mirita Casimiro, recentemente casados, nos principais papéis, e Amália Rodrigues entre as atrações do elenco.

1942

Para a temporada de verão, o Variedades reúne um elenco de exceção, composto por Maria Matos, Mendonça de Carvalho, Aura Abranches, Erico Braga, António Silva, Raul de Carvalho e Assis Pacheco. A companhia estreia *Danúbio Azul* (3 de julho) e prolonga a sua atividade até abril de 1943, apresentando uma sucessão de comédias nacionais e estrangeiras.

1943

A comédia *Raparigas Modernas* (5 de agosto) destaca-se pelas interpretações de Irene Isidro, Maria Lalande e da jovem Eunice Muñoz, considerada pela crítica «uma deliciosa promessa». Em outubro, Maria Matos regressa ao Variedades à frente

1945

da sua companhia, que aí permanece até março de 1945. Entre reposições e estreias, afirma-se um repertório de comédias populares centrado na figura da atriz e destinado a conquistar o grande público.

1947

Estreia da revista *Se Aquilo Que a Gente Sente* (5 de abril), que permanece em cena até agosto. Apesar das reservas da crítica, o espetáculo conquista o público graças à encenação de Piero, à comicidade da dupla Vasco Santana/António Silva e à presença de Amália Rodrigues como principal atração musical.

1949

A revista *Ora Agora Viras Tu!...* (20 de fevereiro) confirma a aposta de Piero Benardon numa revista de grande espetáculo, com elenco numeroso, atrações internacionais e algumas alusões à atualidade política. Após a estreia de *Feira da Avenida* (20 de agosto), Piero abandona Portugal na sequência da falência da sua empresa. A fuga do empresário deixa artistas e técnicos com salários em atraso e marca o fim de um ciclo na história do Variedades.

1952

Vasco Santana regressa ao Variedades com a sua Companhia de Comédias, que ali se mantém até 1954. Assente

1954

no protagonismo do ator e num repertório de comédias ligeiras e farsas, a companhia conquista o público e obtém assinalável sucesso de bilheteira, embora nem sempre mereça o aplauso da crítica.

1956

A revista *Não Faças Ondas* (23 de setembro), de Fernando Santos e Carlos Lopes, confirma o êxito das produções de Vasco Morgado. O espetáculo destaca-se pelas interpretações de Milú, João Villaret e do jovem Raúl Solnado, que começava a afirmar-se no panorama artístico português.

1958

Eugénio Salvador estreia a revista *Pernas à Vela* (8 de março), considerada uma das mais sumptuosas produções da década. Distinguindo-se pela riqueza dos cenários, figurinos e coreografias, o espetáculo procura aproximar-se dos grandes modelos internacionais. No final do ano, Giuseppe Bastos e Vasco Morgado assumem a gestão conjunta do Variedades e estreiam a revista *Com Jeito Vai* (28 de novembro) que assinala o regresso de Beatriz Costa ao Variedades. O espetáculo reúne artistas portugueses e brasileiros.

1959

A revista *Champanhe Saloio* (28 de março) reúne pela primeira vez em palco Beatriz Costa e João Villaret. Apesar da doença que o afetava,

1960

Villaret protagoniza uma das suas últimas e mais aplaudidas aparições no teatro de revista. A revista *Isto é Delas* (29 de novembro) reúne artistas portugueses, brasileiros e espanhóis e procura mais uma vez aproximar o Variedades dos grandes espetáculos internacionais de music-hall. O elenco internacional e a dimensão da produção evidenciam uma crescente aposta na renovação do formato da revista.

Francisco Ribeiro regressa ao Parque Mayer após sete anos de ausência, liderando a temporada «Teatro Só para Rir». Rodeado por intérpretes como Assis Pacheco, Irene Isidro e Henrique Santana, aposta num repertório de comédias populares que alcança sucesso junto do público, apesar das reservas da crítica.

1961

A Empresa Francisco Ribeiro e Henrique Santana inicia uma nova temporada de comédias com a estreia de *Três em Lua de Mel* (3 de novembro). Apesar das reservas da crítica, a fórmula do «teatro para rir» continua a conquistar o público.

1962

A comédia *Aqui Há Fantasmas* (2 de março) torna-se um dos maiores êxitos da Empresa Francisco Ribeiro e Henrique Santana, dando origem a uma digressão nacional e, mais tarde, a uma adaptação cinematográfica estreada em 1964.

1963

Sob gestão da Sociedade Lusa de Explorações Teatrais, dirigida por Giuseppe Bastos, o Variedades regressa à revista com *Ena, Tantas!*, espetáculo marcado pelo numeroso elenco feminino, pelas atrações internacionais e pela aposta na fantasia, no dinamismo cénico e no aparato visual.

1965

Vasco Morgado repõe no Variedades algumas das comédias de maior sucesso dos palcos lisboetas, com destaque para *A Rapariga do Apartamento*, *Mary, Mary* e *Entre Marido e Mulher*. A estreia de *Lições de Matrimónio* (14 de maio), protagonizada por Eunice Muñoz e Igrejas Caeiro, confirma a crescente valorização da comédia moderna junto do público. Vasco Morgado e Giuseppe Bastos promovem obras de remodelação e ampliação do Variedades, aumentando a lotação e modernizando a sala. A reabertura faz-se a 12 de outubro com a revista *A Ponte a Pé*.

1966

Estreia da revista *Zero, Zero, Zé (Ordem Pra Pagar)* (22 de abril), protagonizada por Florbela Queirós e José Viana. O espetáculo distingue-se pelo sucesso do número «Zé Cacilheiro», protagonizado por José Viana. A carreira do espetáculo *Descalços no Parque* (8 de novembro), pela Companhia de Teatro Alegre de Henrique Santana, é abruptamente interrompida por um incêndio, a 22 de novembro, que começou na zona do palco poucos minutos antes do início da representação. O fogo destrói uma parte das instalações e da maquinaria de palco, obrigando ao encerramento do teatro para obras de reconstrução.

1967

O Variedades reabre a 29 de dezembro com a revista *Pois, Pois...*, de José Galhardo e João Nobre. O espetáculo assinala o regresso de Raúl Solnado ao teatro de revista.

1968

Em abril, a convite de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, o Teatro Experimental de Cascais

1969

apresenta a comédia *Comissário de Polícia*, de Gervásio Lobato, assinalando o regresso de Mirita Casimiro ao Parque Mayer.

Estreia da revista *Peço a Palavra* (4 de dezembro), que recupera o comentário político à atualidade e fica marcada pelo sucesso de Anita Guerreiro com «Cheira a Lisboa», canção que se tornaria um autêntico hino da cidade.

1970

*E O Zé Faz Tudo* (6 de dezembro), de João Nobre e Augusto Santos Tavares, marca a estreia de Maria do Céu Guerra no teatro de revista.

1971

O espetáculo *O Contrato* (10 de março) assinala a estreia de Simone de Oliveira no teatro declamado.

1973

A comédia *Um Padre à Italiana* (28 de junho), protagonizada por Camilo de Oliveira, confirma o êxito popular das comédias de boulevard apresentadas no Variedades.

1974

Na noite de 25 de Abril de 1974, o Variedades tinha em cena *Uma Rosa ao Pequeno Almoço*, de Pierre Barillet e Jean-Pierre Grédy, peça estreada no Teatro Monumental, na qual Nicolau Breyner se estreava como encenador. A estreia de *Ó Pá, Pega na Vassoura* (21 de dezembro) assinala a entrada do Variedades na era pós-25 de Abril. Considerada uma das revistas mais politizadas do PREC, o espetáculo recupera a crítica direta à atualidade e às figuras do antigo regime.

1976

*Equus, Amargura para um Cavalo* (5 de março), de Peter Shaffer, representa uma das raras incursões do Variedades no teatro contemporâneo

1978

internacional. Para acolher a produção, Vasco Morgado promove profundas alterações na sala, adaptando-a a um espaço cénico em arena. A estreia de *Isto é Que me Dói* (30 de setembro) assinala o regresso de Raúl Solnado ao Variedades. Concebido à medida do ator, o espetáculo confirma a sua extraordinária popularidade junto do público.

*Felizardo & Cª, Modas & Confecções* (27 de novembro), adaptação de Raúl Solnado e Pedro Bandeira Freire a partir de uma obra de Eduardo Schwalbach, destaca-se pela encenação de Carlos Avilez e pelo cuidado visual dos cenários e figurinos. A revista *Aldeia da Roupa Suja* (31 de março), destaca-se pela crítica social e política num momento de forte polémica em torno do teatro de revista. O espetáculo afirma ainda Ivone Silva como a principal vedeta revisteira da época.

1979

A estreia de *Isso é que era Bom!*... (1 de setembro) assinala o início da gestão de Vasco Morgado Júnior, após a morte de Vasco Morgado.

1980

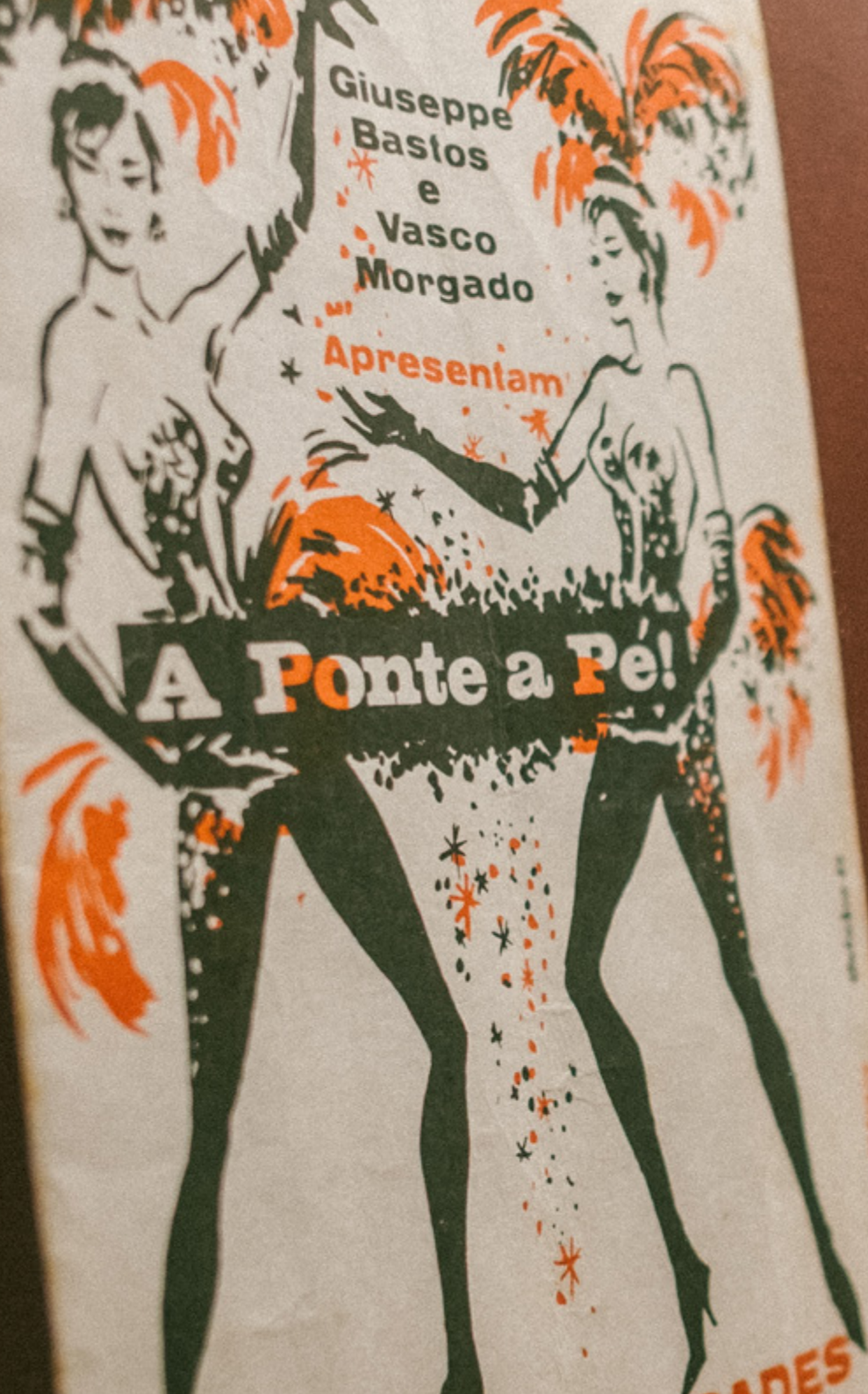
Estreia da revista *Não Deites Foguetes* (16 de setembro), uma das produções mais ambiciosas da década em termos cénicos. O espetáculo evidencia as dificuldades de renovação da revista e divide a crítica.

1981

A comédia *Há Petróleo no Beato* (5 de março), protagonizada por Raúl Solnado, torna-se um dos maiores sucessos comerciais do Variedades nos anos 1980.

1982

A revista *Ó Zé Arreganha a Taxa* (20 de março) alcança grande êxito de público, embora suscite



1983

forte polémica e avaliações contraditórias por parte da crítica.

Estreia da revista *Há mas São Verdes* (7 de janeiro), com Camilo de Oliveira, Ana Zanatti e a participação especial de Anita Guerreiro. O Variedades apresenta *Um Fantasma Chamado Isabel* (17 de setembro), de Henrique Santana, exemplo da permanência da comédia popular no repertório do teatro.

1984

A peça *Eu Desço na Próxima, e Você?* (28 de fevereiro), com Ivone Silva e Henrique Viana, afirma a possibilidade de conciliar teatro comercial e exigência artística, conquistando crítica e público.

1986

Henrique Santana repõe *Aqui Há Fantasmas* (25 de novembro), vinte e cinco anos após a estreia original. O espetáculo confirma a vitalidade da comédia ligeira como um dos pilares da programação do teatro.

1988

A revista *A Prova dos Novos* (10 de agosto), produzida por Vasco Morgado Júnior e Hélder Freire Costa, lança uma nova geração de artistas, entre os quais Marina Mota, Carlos Cunha, José Raposo, Fernando Mendes e Maria João Abreu, tornando-se um dos maiores sucessos da década.

1990

Vasco Morgado Júnior e Hélder Freire Costa promovem obras de renovação no Variedades. A reabertura é assinalada com o espetáculo *A Grande Festa*, apresentado como um «musical revisteiro».

1992

O Variedades transforma-se em estúdio do programa televisivo *Grande Noite*, de Filipe La Féria, que contribui para revelar novos

1998

talentos como João Baião e Joaquim Monchique.

O Variedades acolhe *A Queda do Egoísta Johann Fatzer*, de Bertolt Brecht, no âmbito do Festival dos Cem Dias, integrado nas iniciativas culturais que antecedem a Expo 98.

2005

O Parque Mayer passa para a posse da Câmara Municipal de Lisboa, no âmbito da permuta com a Bragaparkes, abrindo um novo ciclo de debate em torno da recuperação do recinto e do Teatro Variedades.

2006

Sem atividade teatral regular, o Variedades acolhe festivais de música e concertos integrados nas Festas de Lisboa e no Festival Super Bock em Stock.

2008

2020

Tem início a empreitada de reabilitação do Teatro Variedades, segundo projeto do arquiteto Manuel Aires Mateus, destinada a recuperar o edifício e adaptá-lo às exigências da produção cénica contemporânea.

2024

O Teatro Variedades reabre a 5 de outubro, após uma profunda reabilitação, integrando a rede de equipamentos culturais da EGEAC, com Joaquim René na direção. A programação inaugural afirma uma nova estratégia que procura conciliar a memória histórica do espaço com a criação contemporânea, apostando na diversidade de linguagens artísticas e em temporadas de maior duração. A reabertura é assinalada com *Entraria Nesta Sala e The Swimming Pool Party*, de Ricardo Neves-Neves. A primeira recupera simbolicamente a memória do Parque Mayer através de personagens inspiradas em António Silva,

2025

Beatriz Costa, Maria Matos e Vasco Santana.

Com uma programação que cruza teatro, música, festivais e grandes produções musicais, o Variedades afirma-se como um espaço de acolhimento para diferentes públicos e linguagens artísticas, conciliando a memória do Parque Mayer com a criação contemporânea.



**Direção**

Filipe Silva  
Joaquim René

**Adjunta de direção**  
Ana Barbosa**Direção de Comunicação**  
Rita Rodrigues**Direção de Produção**  
Bruno Reis**Direção Técnica e de Cena**  
João Moreira**Adjuntos para Direção  
Técnica e de Cena**  
Carlos La Rua  
Rita Benito Monteiro**Comunicação**  
Margarida Rocha Oliveira  
Mónica Martins**Produção**

Tiago Antunes  
Tiago Oliveira

**Gestão de bilheteiras  
e de públicos**  
Sérgio Guimarães**Gestão de Públicos**  
Ana Sofia Fernandes  
Joana Dias  
Téo Pitella**Bilheteira**  
Beatriz Lopes  
Sara Martins  
Miguel Lopes**Guarda-Roupa**  
Inês Oliveira**Cena**  
Diana Almeida  
Eliaana Lima  
Madalena Venâncio  
Sara Cipriano**Luz/Palco**

Bento Silva  
Bruno Bacanhim  
Daniel Polho  
Hugo Cochat  
Saulo Silva

**Som/Vídeo**  
André Cavalheiro  
Manuel Reis  
Tomás Bonito**Manutenção e Segurança**  
Pedro Santos**Design**  
V-A Studio**Fotografia**  
Estelle Valente e José Frade**Vídeo**  
Duarte Lapa

### **Bilheteira**

Horário: segunda a sábado  
das 17h às 20h e domingo  
das 13h às 16h

Em dias de espetáculo permanece  
aberta até 30 minutos após o seu  
início.

T. 210 523 631 / 210 523 632  
bilheteira@teatrovariedades.pt  
WhatsApp: 924 476 542

### **Como chegar**

Metro: Linha Azul | Estação Avenida  
Comboio: Linha Sintra e Linha  
Azambuja | Estação Restauradores  
Autocarros: 709, 711, 732, 736, 744,  
207, 19B  
Gira: Estação 304  
(junto ao Cinema São Jorge)

### **Acessibilidade**

Para mais informações sobre a  
acessibilidade dos espaços, por  
favor, contacte o Teatro Variedades:  
info@teatrovariedades.pt

### **Contactos**

Geral: T. 210 523 630  
info@teatrovariedades.pt  
www.teatrovariedades-capitolio.pt

### **Localização**

Parque Mayer, 1250-164 Lisboa